

AS REDES MIGRATÓRIAS E SUA DIMENSÃO ESPACIAL

MARDEN BARBOSA DE CAMPOS

IBGE

mardencampos@gmail.com

Introdução: redes de pessoas e redes de lugares

Os estudiosos de migração tem destacado, já há algum tempo, o papel preponderante que as redes sociais exercem nos movimentos migratórios. Elas atuam como facilitadoras dos deslocamentos da população, quando reduzem o grau de incerteza com que os migrantes se deparam. As redes de contatos dos indivíduos envolvidos com a migração configuram assim verdadeiras “redes migratórias”.

O fato dos indivíduos residirem em determinadas localidades, tanto antes como depois da migração, configura um “espaço de vida” dos migrantes (COURGÉAU, 1988). Pode-se falar então que as redes migratórias possuem uma dimensão espacial, cuja “marca” no território sugere a existência de “regiões de migração” ou “redes de lugares”.

O objetivo deste trabalho é discutir, conceitualmente, o processo de espacialização das redes migratórias. Serão apresentadas as principais características das redes migratórias e os mecanismos responsáveis por sua espacialização. Além da discussão conceitual, serão apresentados exercícios empíricos que servem tanto para demonstrar a aplicabilidade dos conceitos discutidos assim como para a formulação e reformulação desses mesmos conceitos.

A relação entre redes sociais e migração algumas vezes tem adquirido um caráter metafórico ou mitológico (FAZITO, 2002; SOARES, 2002). Isso ocorre tanto pela simples afirmação da existência de redes sociais, sem que seja feita nenhuma tentativa de mensuração ou constatação empírica de sua presença, quanto pela escassez de estudos que discutam, de maneira aprofundada, os mecanismos de funcionamento dessas redes. Apesar de fácil compreensão, as redes sociais são um fenômeno de difícil mensuração. O presente trabalho busca contribuir para essa discussão, descrevendo o processo pelo qual as redes migratórias adquirem uma dimensão espacial, ao mesmo tempo em que mostra que a manifestação empírica da existência da rede fornece insumos para a descrição metafórica de suas engrenagens e funcionamento. Buscam-se assim elementos de interpretação da realidade que fortaleçam a pertinência de se utilizar uma estrutura reticular multidimensional para o estudo das migrações.

As principais problemáticas enfrentadas neste exercício, que configuram-se como seus objetivos específicos, estão descritas a seguir:

- a tentativa de ultrapassar o campo de simples conjectura de existência da rede social e apresentar indícios de sua existência;
- a elaboração de conceitos precisos para a caracterização de redes migratórias;
- o encadeamento lógico dos mecanismos que fazem com que as redes sociais de migrantes adquiram um caráter espacial, formando redes de localidades;
- a exposição dos mecanismos através dos quais as redes migratórias favorecerem o estabelecimento de agrupamento espaciais nas regiões de origem e destino dos migrantes, com elevada concentração espacial

O artigo inicia com a apresentação do conceito de “capital social”, atributo básico da formação das redes sociais. Passa então para a descrição do processo de difusão de informação e contágio comportamental, para, posteriormente, tratar da noção de “proximidade” e da dimensão espacial dos processos de difusão. Em seguida, descreve as redes migratórias e as redes de lugares para, em caráter conclusivo, mostrar exemplos empíricos das ideias discutidas. A última seção apresenta as considerações finais, quando se propõe um arcabouço contendo os mecanismos de funcionamento das redes migratórias.

O conceito de capital social e a estrutura coletiva reticular

As ideias que giram em torno do termo capital social remontam, segundo Portes (1998) aos primeiros trabalhos da Sociologia, quando já se discutiam as vantagens de se pertencer a determinado grupo social. Alguns *insights* dessa ideia foram, segundo o autor, recapturados pelo termo “capital social”. A popularidade do conceito de capital social é parcialmente garantida pelo fato de chamar a atenção para um fenômeno importante e real, apesar dos processos a que ele se refere não serem nada novos.

Recentemente, as noções de capital social partem do conceito proposto por Pierre Bourdieu. Esse autor referia-se a *recursos* disponíveis devido posse de uma relação durável, institucionalizada e reconhecida entre indivíduos (BOURDIEU, 1986). Segundo Coleman (1988), outro dos principais autores a definir o termo, o capital social seria um facilitador de certas ações dos atores sociais

O entendimento das condicionantes atribuídas à posse de capital social é extremamente útil para o estudo das migrações, dado que o acesso à informação, a minimização de riscos, os processo de recrutamento de trabalhadores e de configuração de arranjos familiares, elementos chave da migração, são todos estratégias e agenciamentos determinados pelo capital social dos migrantes.

A formação de “redes sociais” seria então determinada pelo acesso a determinada “quantidade” de capital social, através da rede de contatos que os indivíduos possuem. Essas redes são estruturadas em torno de relações de cooperação e reciprocidade, identificação mútua entre seus integrantes (MARANDOLA JR. E DAL GALLO, 2010), o que favoreceria as transferências e conversões de capital no interior da rede.

É possível perceber, desse modo, a importância da proximidade entre os indivíduos para a “transmissão” ou “transferência” de capital entre eles. Proximidade aqui entendida como existência de laços entre as pessoas, que será tanto maior quanto mais intensos forem suas relações. Segundo Granovetter (1973), que discute os papéis de laços de diferentes intensidades na organização da sociedade, a força (intensidade) de um laço social é definida pela combinação da quantidade de tempo que as pessoas compartilham com a intensidade emocional, o nível de intimidade, o grau confiança e a reciprocidade da relação. Assim, quanto mais forte é o laço social, maior será considerada a proximidade entre os atores de uma rede. Como as pessoas possuem relações com diversos indivíduos, e essas relações apresentam de diferentes intensidades, pode-se afirmar que os indivíduos habitam um “espaço social” heterogêneo. Os indivíduos ocupam posições nesse espaço social cujas distâncias, uns em relação aos outros, é variada.

Nesse sentido, grau de coesão das redes sociais como um todo varia de acordo com a força dos laços entre os indivíduos que as compõe. Internamente, elas possuem segmentos mais sólidos, cujas ligações são estáveis, assim como segmentos compostos por ligações mais frágeis. Além disso, pode-se dizer que as redes são compostas por redes menores, interiores, em esquema fractal. Sua configuração é variável, sofrendo rupturas e acoplamentos ao longo do tempo, em um processo dinâmico de (de)formação.

É importante destacar o papel das relações familiares na configuração das redes sociais, dada a solidez e durabilidade dos laços estabelecidos entre parentes. Os laços familiares destacam-se por serem canais de vultuosas transferências de capital em suas

diferentes formas (social, cultural, econômico) e intensas relações de reciprocidade, suporte e altruísmo. Configuram assim segmentos sólidos das redes sociais, pilares para sua manutenção ao longo do tempo. É possível também pensar em redes de famílias.

Os indivíduos também relacionam-se com outros “conhecidos”, como vizinhos, colegas de trabalho e amigos, configurando laços com relativos graus de força e durabilidade que, embora sejam mais fracos que os laços familiares, às vezes duram por longo tempo. Em seguida, em um nível ainda mais “distante”, há laços sociais mantidos, por exemplo, com pessoas com as quais se tem pouco envolvimento, como prestadores de serviço, empregados e conterrâneos, até que a força dos laços entre os indivíduos seja reduzida e que haja um afrouxamento da rede social a ponto de que já não esteja “transmitindo” nenhuma forma significativa de capital social ou informação e chegue-se, genericamente, à fronteira cambiante da rede social.

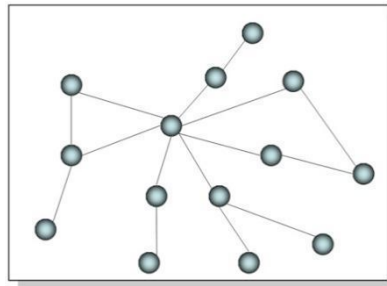
Cabe destacar que a intensidade dos laços sociais é um tema correntemente debatido na sociologia, pelo menos desde os trabalhos seminais de Mark Granovetter no início da década de 1970. Embora esse autor tenha demonstrado a importância dos laços fracos na difusão de informação, não pode ser negada a preponderância dos laços fortes na configuração dos arranjos sociais, como mostram Li Ensel e Vaughn (1981).

A essa altura, já podemos começar a delimitar os conceitos de “rede social”, “rede pessoal” e “rede migratória”. Segundo Soares (2002), uma rede social consiste no conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação. A rede pessoal representa um tipo de rede social que se funda em relações sociais de amizade, parentesco e etc., entre pessoas. Já a rede migratória é um tipo específico de rede social, que conteria apenas as relações de indivíduos, famílias e organizações envolvidas direta ou indiretamente com o processo migratório. Ou seja, seriam redes sociais adaptadas à migração.

Em termos conceituais, uma rede consiste num conjunto de atores ou nós (pessoas, objetos ou eventos) ligados por tipos específicos de relação (laços). Ou seja, a rede é um conjunto de atores e relações, de pontos e pontes). Cada dois atores ligados por um laço representam uma conexão relacional diática na rede, por onde circulam os fluxos que estruturam a rede.

As redes podem ser representadas, por exemplo, através de modelos de grafos, como propõe Diestel (2005). A Figura 1 apresenta esquematicamente uma organização reticular.

FIGURA 1 - Representação esquemática de uma organização reticular.



Os pontos representam os nós ou vértices da rede. As linhas, seus laços ou arcos. Nas redes sociais, por exemplo, os nós seriam os atores sociais e os laços as relações estabelecidas entre eles. Nas redes migratórias os nós poderiam representar lugares, domicílios, famílias ou pessoas e os laços as migrações ou ações ligadas ao ato migratório.

As próximas seções irão tratar dos mecanismos pelos quais as redes sociais de migrantes adquirem uma dimensão espacial, configurando redes de lugares.

Difusão da informação através de redes

Segundo Rogers (1983), um dos principais teóricos dedicados ao tema da difusão de informações, a difusão é o processo pelo qual determinado comportamento, ideia ou informação (inovação) é comunicado através de canais. Segundo o autor, a informação é um importante mecanismo de redução das incertezas geradas por determinados tipos de ação, o que lhe confere extremo valor em qualquer arranjo social.

Nesse sentido, as redes sociais podem ser vistas como canais de comunicação, que estruturam as vias por onde as informações circulam na sociedade. A “comunicação” deve ser entendida, nesse contexto, como o compartilhamento de informação por dois ou mais atores da rede. As redes também atuam na manutenção de estratégias comportamentais ao longo do

tempo. As redes seriam assim mecanismos estruturantes e estruturados pelas relações de seus atores, desempenhando, simultaneamente, um papel de forma e função social.

Os canais de comunicação – força dos laços que configuram as redes –, embora possuam um potencial de disseminação de informação menor do que meios de comunicação de massa, são mais persuasivos e convincentes. Isso ocorre por que as redes são geralmente compostas por indivíduos parecidos (homofilia).

Para Rogers, cinco aspectos facilitam o processo de difusão são: vantagem relativa; compatibilidade; complexidade; triabilidade (testabilidade) e observabilidade. Assim, uma inovação precisa ser vista como vantajosa, precisa ser compatível com o contexto em que as pessoas vivem, precisa ser facilmente entendida e implementada, possuir a capacidade de ser testada e, acima de tudo, possuir a capacidade de ser observada pelos indivíduos. Retornaremos a esse ponto mais a frente, quando tratarmos especificamente das redes migratórias.

A proximidade como canal de difusão

A proximidade entre os indivíduos afeta a frequência de contatos e o nível de interação entre eles. Isso melhora a dispersão das informações e ideias e facilita a imitação. É, portanto, um aspecto chave do processo de difusão.

A essência de um laço estrutural em rede é dada pela “profundidade” da relação social, que qualifica a condição de proximidade entre seus atores. A noção de proximidade estaria então no cerne do conceito de rede social: graças a proximidade são estabelecidas relações de confiança e são moldados os canais de difusão que configuram as redes sociais. Por sua vez, a distribuição dos pontos e intensidade dos laços da rede é estruturada sobre arranjos de proximidade e distanciamento. Por isso, pertencer ou não a determinada rede significa usufruir das (des)vantagens obtidas pela proximidade com seus atores.

O termo proximidade pode ser interpretado sob diversos ângulos, tanto em termos sociais como culturais, ou mesmo espaço-temporais. Desse modo, são considerados *próximos* indivíduos que compartilham determinados valores como, por exemplo, mesmas crenças religiosas, língua ou hábitos de vida, capazes de criar laços entre eles. Além disso, indivíduos nascidos nos mesmos períodos - os contemporâneos- com tudo o que “pertencer” à mesma

geração pode implicar (MANNHEIM, 1993). Da mesma forma, aqueles que vivem a certa distância geográfica estarão, em determinado contexto técnico, espacialmente próximos - os conterrâneos.

É comum que esses diferentes tipos de proximidade ocorram simultaneamente, dando a esse termo um espectro multidimensional.

Proximidade espacial

No presente trabalho dirigimos nossa atenção para a “marca espacial” das redes migratórias, ou seja, sua dimensão territorial. Assim, iremos dedicar um pouco mais de tempo à reflexão sobre o papel da proximidade geográfica na estruturação dos agrupamentos de migração.

Os termo proximidade física, geográfica ou espacial serão tratados alternadamente como sinônimos de um tipo de vizinhança dos emigrantes sem, no entanto, reduzir esses conceitos à simples proximidade “no terreno físico”. Também não se quer aqui discutir conceitualmente esses termos, já bastante debatidos¹. O que se quer enfatizar, como ficará claro mais adiante, é que o espaço não será visto apenas como palco das relações entre os migrantes, mas ao mesmo tempo produto e produtor dessas relações, de modo taotócrono.

A questão da proximidade é extremamente cara à disciplina geográfica. Tobler invoca a chamada “Primeira Lei da Geografia” para afirmar que “*everything is related to everything else, but near things are more related than distant things*” (TOBLER, 1970). A geografia trata de *efeitos de vizinhança* que operam através do espaço, assim como de suas condicionantes. As interações sociais que envolvem comunicação, persuasão e imitação tendem, conforme Knoke (1982), a seguir um gradiente espacial, atestando a pertinência da discussão corrente nessa disciplina para questões de comportamento social.

Apesar das intensas transformações técnicas pelas quais nossa sociedade vem passando, quando as distâncias entre localidades são encurtadas pelo avanço dos meios de transporte e comunicação, a proximidade continua a exercer um papel preponderante nas

¹ Sugere-se, para uma ampla revisão dos principais conceitos tratados pela geografia, consultar Castro, Gomes e Correa (2000).

relações socioespaciais. Os contatos físicos entre as pessoas e as relações face-a-face, continuam a representar o grau mais próximo de qualquer contato social. Apesar das modalidades de comunicação “à distância” possibilitarem manter ou perpetuar relações, elas não tem a mesma capacidade de criação e estabelecimento de confiança quanto o contato direto e permanente entre pessoas. Segundo Morgan (2004), que discorda daqueles que pregam “o fim da geografia”, alguma coisa é perdida quando nos comunicamos a distância. Para esse autor, é difícil imaginar a rica diversidade da proximidade física, quando as nuances da linguagem corporal e da comunicação face-a-face contam tanto quanto (se não mais) do que a comunicação verbal. No mesmo sentido, psicólogos sociais como Grande-Garcia (2009), afirmam que as expressões dos rostos humanos carregam a exteriorização dos estados emocionais, sendo essenciais para a comunicação social.

Contudo, há de se admitir, o comportamento social reticular, imensamente beneficiado pelo desenvolvimento tecnológico acelerado em vigor, acaba por reconfigurar as relações espaciais, criando outros tipos de proximidade entre as pessoas, embora não anule os tipos anteriores.

Difusão como processo espacial

O processo de difusão tem escopo fortemente geográfico e, por isso, parte importante dos trabalhos pioneiros das teorias da difusão originaram-se na geografia. Trata-se aqui do espaço geográfico como aquele que envolve pelo menos uma dimensão físico-territorial, embora saibamos que ele extrapola essa dimensão.

A ideia da difusão como um processo espacial sofreu grande influência dos trabalhos de Hagerstrand (1967) e de Hudson (1972). De modo geral, postula-se que os padrões de comunicação e interação entre emissores e potenciais receptores propagam-se no espaço, a partir de um ponto de origem. Essa difusão pode ocorrer de diversas formas, como através da propagação de ondas de expansão ou via localidades hierarquicamente organizadas.

Uma questão que se tem colocado é se o espaço e o tempo seriam agentes endógenos que condicionariam o processo de difusão, ou se seriam apenas substratos através dos quais ele ocorre (aspectos exógenos). Para Cohen (1972), por exemplo, que trata dos processos de difusão em sistemas urbanos, o espaço e tempo são elementos externos ao

processo de difusão, enquanto os fatores sociais, econômicos, culturais, psicológicos ou comportamentais são suas verdadeiras causas de aceitação ou rejeição.

Mesmo aceitando-se essa versão “kantiana” de um espaço e um tempo como apenas bases *materiais* dos processos sociais (formas *a priori*), a vizinhança continuaria desempenhando um papel central no contágio comportamental. Contudo, em uma visão ampla da questão, alcançada pela chamada “geografia radical”, propõe-se uma superação do espaço enquanto conceito, quando este seria mais uma dimensão do processo social e também um ator nesse. As relações sociais seriam vistas como produtoras de espaço, sendo, dialeticamente, modificadas por essa mesma condição espacial (SOJA, 1993). Nesse caso, o espaço é modificado, ou mesmo construído, entre atores próximos, através de relações entre eles e entre os objetos que o compõe, configurando a natureza dessas mesmas relações. O espaço teria não apenas uma forma mas também uma função.

Em síntese, podemos afirmar que a informação circula por proximidade, por vizinhança, sobre os caminhos estabelecidos na rede. Neles, o contágio é uma questão de topologia, de caminhos. Não há espaço homogêneo em que a oportunidade de migrar esteja distribuída livremente entre os indivíduos. O migrante deve utilizar a rede migratória tal como ela se encontra, ou então será obrigado a modificá-la. A rede não está no espaço, ela é o espaço.

Diniz (2013) ao discutir a relação entre desenvolvimento regional e federalismo, afirma que os habitantes e outros entes institucionais (públicos, empresariais e da sociedade civil) são e devem ser vistos como agentes do seu próprio processo de desenvolvimento. Dentro dessa visão, o território deixaria de ser apenas uma paisagem ou instância passiva e passaria a ser um elemento central do processo.

As redes migratórias

As redes migratórias, conforme explicitado, são caracterizadas como um conjunto de atores ligados entre si pela e para a migração. Migrar é entendido como um processo espaço-temporal, que envolve a mudança de residência sobre determinada distância (entre unidades administrativas distintas, por exemplo) e certo período de permanência ou durabilidade (ocorre por um período de tempo relativamente duradouro). Os laços das redes migratórias são os próprios fluxos populacionais, ou seja, as migrações. Também podem ser

compostos de relações que *visem* a migração, estando a ela objetivamente ligadas. Já os atores das redes migratórias podem apresentar-se em diversas dimensões: são os migrantes propriamente ditos ou são pessoas envolvidas com as migrações (familiares, ex-migrantes, agenciadores, coioetes, padres, agentes de turismo, policiais de fronteira, por exemplo). Também podem se localizar em outras dimensões da mesma rede, na forma de atores “não-humanos” envolvidos no processo, como são os domicílios, empresas, aeroportos, rodoviárias, estradas, cidade e países onde ocorrem migrações.

Conforme destacado, os motores das redes migratórias são o processo de difusão de informação e de recrutamento de migrantes. O processo de difusão de informação, possui como função a redução dos graus de incerteza. Rogers (1983) afirma inclusive que a informação nada mais é do que algo que reduz a incerteza. Já Everett Lee, ao desenvolver sua teoria sobre migração, destaca a importância da informação sobre os locais de destino na redução dos “obstáculos” da migração (LEE, 1966).

Nesse sentido, a informação sobre as condições de trabalho, remuneração, estilo de vida, moradia, clima, cultura, dentro outros aspectos, circulam através da rede social do potencial migrante, afetando sua propensão para migrar. As redes sociais proveem informações que reduzem o risco da migração e que atraem os migrantes, sendo uma forma de capital “intangível” (capital social) que os indivíduos possuem (TAYLOR, 1986). Conforme destacado, o fato dos indivíduos estarem próximos favorece enormemente as condições de difusão da informação.

As características apontadas por Rogers (1983) como fundamentais para a adoção da inovação ajudam a compreender a disseminação do comportamento migratório:

- **vantagem relativa:** a partir do contato com outros migrantes, os indivíduos podem perceber que a migração apresenta vantagens (econômicas, por exemplo) relativas a sua condição nas regiões de origem;
- **compatibilidade:** ao observar a opinião dos outros indivíduos sobre os migrantes, percebem o quão aceita é a migração no contexto em que vivem;
- **complexidade:** aprendem como se dá o processo migratório, quais seus trâmites e estratégias;
- **trabilidade:** podem passar um período no exterior, auxiliado pelo migrantes, “experimentando” as condições locais;

- **observabilidade:** veem os benefícios auferidos pelas famílias do migrantes que permanecem na origem, ou mesmo a alteração (ou não) no nível de vida e do bem estar do próprio migrantes.

Não se quer dizer que a rede social é o meio através do qual ocorre a totalidade dos movimentos migratórios. Embora ela tenha importância fundamental no processo, há migrações que ocorrem sem nenhum envolvimento com outros indivíduos. Cabe ressaltar, contudo, que os aspectos acima enumerados podem ser observados inclusive entre indivíduos que não pertencem diretamente à rede social do migrante, mas que conseguem tomar conhecimento das consequências do processo migratório. Haveria, nesse caso, um “transbordamento” da rede migratória. Mesmo assim a proximidade continua exercendo efeito sobre o “contágio” entre o migrante e os potenciais migrantes, mesmo que estejam localizados “fora” de sua rede social naquele momento.

O segundo aspecto pelo qual o pertencimento à rede migratória pode favorecer a migração é o recrutamento ou agenciamento de migrantes. Por exemplo, como é o caso da seleção de trabalhadores feito por migrantes em seus locais de origem. Esse processo envolve, além da disponibilização de informação sobre uma oportunidade de trabalho, a possibilidade de fornecer alojamento e financiamento para os migrantes. Segundo Sassen (1995), tratando da atuação de membros da rede social do migrantes:

“(...) members find jobs for others, teach them the necessary skills, and supervise their performance. The power of network chains is such that entry level openings are frequently filled by contacting kin and friends in remote foreign locations rather than by tapping other available local workers.”
(SASSEN, 1995, apud PORTES, 1995).

Um outro estímulo importante para a migração, e que ocorre inteiramente dentro da rede social, é a migração relacionada ao acompanhamento de parentes ou para a reunião familiar

As redes de lugares

O propósito que nos interessa neste trabalho, que é a dimensão espacial das redes migratórias, alicerça-se no princípio de que, ao conectarem pessoas, as redes conectam também lugares.

Por definição, as migrações possuem espacialidades bem definidas em cada momento do tempo. Desse modo, há sempre e em cada instante um local de origem e um local destinado migrante. Se queremos entender as redes de lugares, nossa atenção deve direcionar-se para o estudo das características das localidades de onde partem e para onde vão os migrantes e para as relações que elas estabelecem com outras localidades. Vale a pena repetir que essas localidades seriam, por essa ótica, os atores do espectro espacial das redes migratórias, enquanto os movimentos das pessoas seriam os fluxos (relações). Do mesmo modo, poder-se-iam tomar os domicílios dos migrantes como unidades de análise. nesse caso, seus atributos qualificariam os nós das redes enquanto os migrantes demonstrariam as relações.

Diferente das outras dimensões das redes migratórias, as redes espaciais são diretamente mensuráveis dado que pessoas vivem em lugares. Embora a intangibilidade do capital social dificulte a mensuração das redes sociais de migrantes, há certa facilidade operacional em compreender sua faceta espacial. Segundo (MATOS, 2005) relações sociais articuladas por sistemas de cidades integrados, se não evidenciam com clareza, sugerem fortemente a presença de redes sociais. Essa é inclusive, uma das possibilidades de acompanhar os desdobramentos espaciais causados por fenômenos sociais.

O direcionamento do foco para os lugar de origem e destino das migrações, contudo, não possibilita mapear todos os lugares envolvidos na rede. O indivíduo reside em um município mas pode ir para outro para tirar seu passaporte ou comprar sua passagem, dentre outros motivos. Ele desloca-se através de uma rede de transportes, estradas, rodoviárias e aeroportos. Diversas categorias de lugares compõe a rede em cada momento. Elas alteram-se, ainda, a todo instante: quando se escolhe, por exemplo, percorrer um roteiro alternativo, ou quando estradas diferente precisam ser percorridas a cada vez, quanto um caminho cujo acesso alterou-se, uma fronteira foi fechada ou uma nova rota surgiu. Altera-se, continuamente, a forma da rede migratória.

Conforme dito, entretanto, por definição os pontos de partida e destino do migrante não alteram-se após a migração. Ele são pontos “fixo” no espaço, caso se aplique

uma restrição temporal. Seriam eles nós da rede de localidades envolvidas na migração que não se repetiriam em outro momento.

A natureza do processo de difusão de informação e recrutamento de migrante, calcada em relações sociais cuja intensidade delimita diferentes graus de proximidade - os contornos das redes migratórias- faz com que os locais de origem dos migrantes apresentem elevada concentração espacial, formando agrupamentos (clusters) de migração.

Também há o favorecimento de uma concentração dos lugares de destino da migração. Contudo, outros fatores somam-se aos que atuam na origem para a concentração das redes no destino. Um dos papéis exercidos pelas redes migratórias, conforme já discutido, é o favorecimento da inserção do migrante nos locais para onde ele se dirige. Viver perto de conhecidos possibilita a identificação e o pertencimento do migrantes em sua nova comunidade, fornecendo um espaço de segurança que ameniza o estresse causado pela migração. A rede fornece assim um referencial identitário para o migrante. Dada a necessidade de suporte e os agenciamentos envolvidos no processo de adaptação, há uma intensificação do uso da rede no período subsequente a migração. Muitos migrantes dela necessitam para a quase totalidade das atividades realizadas. Conforme destacam Marandola Jr. e Dall Galo (2007), o grupo de migrantes pensa, organiza e vive seu território de maneira semelhante no destino, dado que partilham a mesma cultura, o mesmo estilo de vida. Eles reproduzem seus lugares no destino. As redes de migrantes tornam-se, novamente, redes de lugares.

Exercícios empíricos: clusters de emigração internacional no Brasil

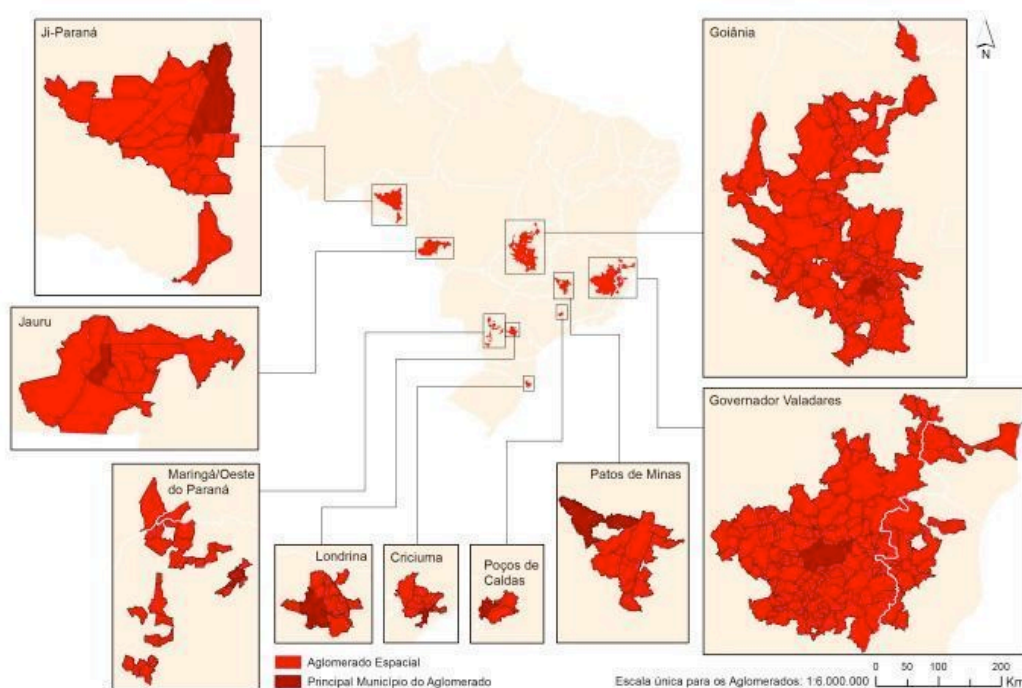
A presente seção apresenta dois exercícios que demonstram, com base em testes empíricos, a pertinência dos argumentos descritos até aqui. O primeiro é um artigo publicado por Campos e Macedo (2014) na Revista Geografia. O segundo é uma tentativa de aprofundar a análise anterior, com base nos conceitos desenvolvidos neste presente trabalho.

O exercício realizado por CAMPOS e MACEDO (2014) buscou identificar as principais regiões de origem dos migrantes internacionais no território brasileiro, através do mapeamento de agrupamentos espaciais de emigração internacional. Fez-se isto utilizando um modelo de análise estatística espacial (Índice de Moran), com base nas informações do Censo Demográfico 2010 do IBGE.

Os resultados encontrados mostraram uma elevada concentração dos municípios de origem dos migrantes no território, que foram agrupados em nove *clusters* de emigração. Também foi verificada uma alta concentração de países de destino dos migrantes.

Os níveis de concentração foram estimados por CAMPOS e MACEDO (2014) a partir dos resultados do Índice Global de Moran, pelo método LISA. O Mapa 1 representa os clusters espaciais de emigração do Brasil estimados pelos autores.

MAPA 1 - Regiões de migração: agrupamentos de municípios com percentuais de emigrantes internacionais elevados - Brasil 2010



Fonte: CAMPOS e MACEDO, 2014.

No estudo, a existência de uma rede migratória é comprovada pelo fato de haver um fluxo de pessoas entre esses municípios e países estrangeiros. A migração é uma relação constatada empiricamente, que ocorre entre estes municípios e regiões localizadas no exterior. Como há informações sobre algumas características do migrantes, também seria possível descobrir atributos dessa relação, embora isso não tenha sido feito pelos autores. Em resumo, a “mancha espacial” de uma rede migratória é atestada pelo estudo, embora apenas uma de suas faces tenha sido mensurada.

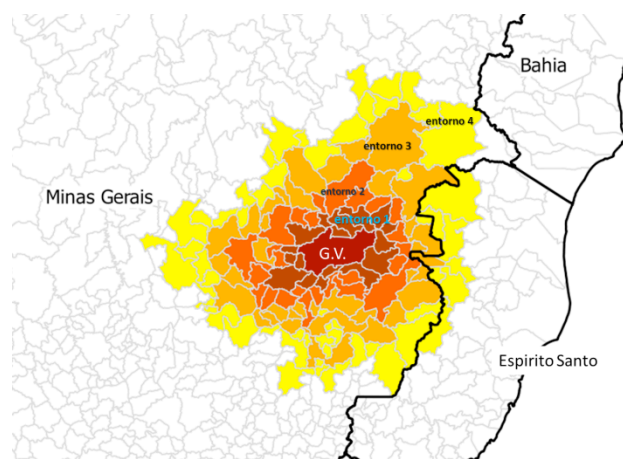
Embora os autores não pudessem utilizar os mesmos instrumentos para medir a concentração do migrantes no destino, devido à limitação da informação utilizada, podemos ter uma noção dessa concentração com base, por exemplo, nos dados de eleitores brasileiros no exterior. Os de 350 mil eleitores brasileiros que votaram em países estrangeiros nas eleições presidenciais de 2014 apresentam elevada concentração espacial. Por exemplo, nos Estados Unidos, onde existem 112 mil eleitores, mais da metade votou em apenas 3 cidades. O mesmo aconteceu em Portugal e no Japão, onde a mesma marca foi atingida em apenas duas cidades (TRE, 2014).

Pode-se tentar avançar nas análises realizadas por Campos e Macedo, investigando mais atributos do processo de difusão de comportamento migratório nos clusters de emigração internacional criados pelos autores. Este será o segundo exercício empírico apresentado.

No cluster de emigração situado entorno do municípios de Governador Valadares, há evidências de um expansão de tipo concêntrico do comportamento migratório ao longo do tempo.

Dividindo-se os municípios conforme a distância em relação à Governador Valadares, de modo a formar cinturões de municípios vizinhos, separamos o cluster em 4 níveis de distância, aqui denominados “entornos N”, cujo valor N varia de 1 a 4 conforme o município afasta-se do município central (Mapa 2).

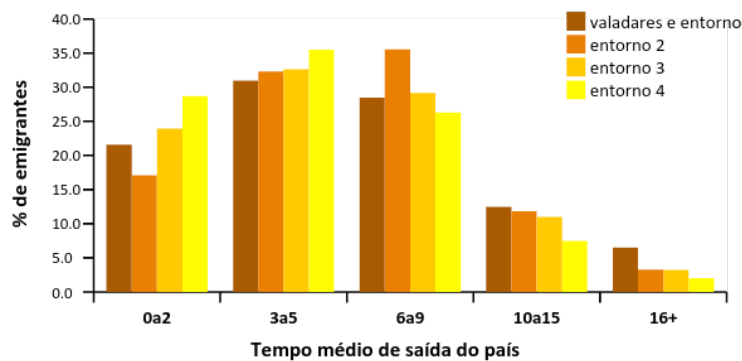
MAPA 2 - Agrupamento de emigração de Governador Valadares segundo municípios que compõe diferentes camadas de entorno - 2010



Fonte: IBGE, 2010.

O Gráfico 1 divide os municípios de cada um desses entornos pelo tempo médio em que os indivíduos deixaram o Brasil para morar no exterior. Vê-se claramente que quanto mais próximo ao centro do agrupamento (Governador Valadares e municípios limítrofes), maior o percentual de indivíduos que deixaram o país a mais de 10 anos. Por outro lado, os municípios mais distantes, pertencentes aos entornos 3 e 4, possuem percentuais significativamente mais elevados de migrantes que deixaram o País a menos tempo.

GRÁFICO 1 - Percentual de migrantes segundo categorias de tempo médio de saída do Brasil, por nível do entorno de Governador Valadares - 2010



Fonte: IBGE, 2010.

É preciso acentuar aqui que essas perspectivas de análise implicam em uma forma de abstração que não necessariamente condiz com os processos espaço-temporais de formação do processo de emigração. Não se quer dizer que a migração surgiu apenas em Governador Valadares e posteriormente foi adotada em todos os municípios do entorno 1 para, só mais tarde, ser adotada no entorno 2, e assim por diante. A partir do Gráfico 1 vê-se que existem indivíduos em todas as categorias de tempo criadas para todas as camadas de entorno criadas. O que se quis demonstrar é que a lógica do processo de difusão espacial, em que a proximidade é uma engrenagem decisiva, apresentou coerência quando aplicada ao cluster de emigração internacional do entorno do município de Governador Valadares em 2010.

Contudo, sabemos que o fenômeno apresenta um grau de complexidade que extrapola esse modelo, embora não invalide sua utilização para compreensão da realidade. Esses atributos foram “isolados” para a análise, considerados separadamente. Eles não explicam a totalidade dos processos espaciais de emigração na região, embora forneçam informações valiosas para sua compreensão.

Considerações finais: as engrenagens das redes migratórias

O objetivo deste trabalho foi discutir, conceitualmente, os mecanismos de funcionamento das redes migratórias e os modos pelos quais se dá sua espacialização. A FIGURA 2 apresenta, em termos sintéticos, os mecanismos estruturantes das redes migratórias que foram apresentados.

FIGURA 2 - Mecanismos estruturantes das redes migratórias.



Por basearem-se em contatos pessoais, as redes configuram-se por proximidade. A circulação de informações e o recrutamento de indivíduos pertencentes à rede migratória moldam os contornos dessas redes, devido à natureza interna de seus processos de difusão. A natureza multidimensional das redes de migração inclui processos socioculturais e espaciais. Nos primeiros, transparecem redes de pessoas, famílias ou organizações, enquanto no segundo grupo incluem-se redes de domicílios, cidades ou países. Todas essas redes articulam-se em escalas diferenciadas atuando como agentes da produção do espaço.

Essa constatação justifica a possibilidade de se utilizarem recortes espaciais específicos para o estudo das migrações, como as regiões de migração. Essas regiões, entendidas como uma estratégia analítica específica, seriam a base para a compreensão sistematizada do espaço. Pela ótica temporal, essas regiões devem ser consideradas como um “momento espacial”, ou como a marca histórica de processos socioespaciais. Ao mesmo tempo resultado de processos passados, essas regiões transformam-se em condicionantes (atores) dos processos futuros que se desenrolarão naquele território, sejam eles ligados ou não à migração internacional.

Apesar do alerta para o caráter metafórico de rede para o estudo das migrações, o processo de busca de elementos para a interpretação da realidade possui um base objetiva, que fundamenta o desenvolvimento conceitual da estrutura reticular. Os exercícios empíricos apresentados demonstram que a clara organização reticular das redes de lugares de emigração não é apenas uma constatação verificada após o uso de uma metodologia científica, mas um processo que pode ser percebido em uma nível pré-científico ou pelo senso comum. Apesar dos acadêmicos serem acusados de prisão à metáfora e distância da substância (SOARES, 2002), a percepção social dos aglomerados de emigração, quando os indivíduos sabem sem nenhum instrumento que os migrantes partem de poucos municípios e dirigem-se para um número limitado de destinos, e que as migrações são estruturadas por contatos e proximidade entre os migrantes, condiciona a concepção de uma noção de rede de migração. Nesse sentido, o processo apreensão do fato pela sociedade estaria condicionando a formação da mentalidade científica, indo também da “substância à metáfora”.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, P. The forms of capital. In J. Richardson (Ed.) Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education (New York, Greenwood), 241-258. 1986.

CAMPOS, M. B.; MACEDO, D. R. Agrupamentos de emigração internacional no Brasil: o papel das redes sociais na formação dos espaços de emigração. GEOGRAFIA, Rio Claro, v. 39, n. 2, p. 257-272, mai./ago. 2014.

COHEN, Y. Diffusion of an Innovation in an Urban System: The Spread of Planned Regional Shopping Centers in the United States, 1949-1968 University of Chicago Press, 1972.

COLEMAN, J. Social Capital in the Creation of Human Capital. The American Journal of Sociology, Vol. 94, Supplement: Organizations and Institutions: Sociological and Economic Approaches to the Analysis of Social Structure, 1988.

DIESTEL, R. Graph Theory. Springer-Verlag Heidelberg, New York, 2005.

DINIZ, C.C. Desenvolvimento Regional e Federalismo: Panorama Atual e Perspectivas. In: MENDES, G.F.; CAMPOS, C.C. (Org.). Federação e Guerra Fiscal. 1ed. Rio de Janeiro: FGV Projetos / IDP, 2013.

FAZITO, D. A Análise de Redes Sociais (ARS) e a Migração: mito e realidade; Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais. Ouro Preto, 2002.

GRANDE-GARCIA, I. Neurociencia social: El maridaje entre la psicología social y las neurociencias cognitivas. Revisión e introducción a un nueva disciplina. Anales de psicología, vol. 25, nº 1, 2009.

- GRANOVETTER, M. The Strength of Weak Ties. *American Journal of Sociology*, 78: 1360-80. 1973.
- HAGERSTRAND, T. 1967. *Innovation Diffusion as a Spatial Process*. Chicago: University of Chicago Press.
- HUDSON, J. C. 1972. *Geographical Diffusion Theory*. Evanston, Ill.: Northwestern University Press.
- IBGE. Censo Demográfico 2010. Resultados do Universo. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.
- KNOKE, D. The Spread of Municipal Reform: Temporal, Spatial, and Social Dynamics. *American Journal of Sociology*, Vol. 87, No. 6, 1982.
- LEE, E. S. A Theory of Migration. *Demography*, Seattle, v. 3, n. 1, p. 47-57, Jan. 1966.
- LIN, N. ENSEL, W. M. VAUGH, J.C. Social Resources and Strength of Ties: Structural Factors in Occupational Status Attainment. *American Sociological Review*, Vol. 46, No. 4, 1981
- CASTRO, I.E.; GOMES, P.C.C.; CORREA, R.L. (Orgs.). *Geografia: Conceitos e Temas 2ª Edição*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- COURGÉAU, D. *Méthodes de Mesure de la mobilité spatiale: migrations internes, mobilité temporaire, navettes*. Éditions de L'Institut National d'Etudes Démographiques: Paris, 1988.
- MANNHEIM, K. . “El problema de las generaciones” [tradução: Ignacio Sánchez de la Yncera], *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, n. 62. 1993.
- MARANDOLA JR., E. ; DAL GALLO, P. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração R. bras. Est. Pop., Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, jul./dez. 2010
- MATOS, R.E. (org). *Espacialidades em rede: população, urbanização e migração no Brasil Contemporâneo*. Capítulo 1. Belo Horizonte: C/Arte, 2005.
- MORGAN, K. The exaggerated death of geography: learning, proximity and territorial innovation systems. *Journal of Economic Geography*. 4: 3-21, 2004.
- PORTES, A. Social Capital: Its origins and applications in modern sociology. *Annu. Rev. Sociol.* 24: 1-24. 1998.
- RAVENSTEIN, E. G.. The laws of migration. *Journal of the Royal Statistical Society. Series A (Statistics in Society)*, London, v. 52, n. 2, p. 241-305, Jun. 1889.
- ROGERS, E. *Diffusion of Innovations*. 3rd Edition. The Free Press. New York/London, 1983.
- SASSEN S. Immigration and local labor markets. In: PORTES, A., ed. *The Economic Sociology of Immigration*. New York: Russell-Sage, 1995
- SOARES, W. Da metáfora à substância: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga. Tese de Doutorado. CEDEPLAR/UFMG: Belo Horizonte, 2002.

SOJA, E. W. Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 1993.

TAYLOR, J. E. Differential migration, networks, information and risks. In: STARK, O. Migration, human capital and development. Greenwich: Connecticut, Jai Press, 1986.

TOBLER, W.R. Computer Movie Simulating Urban Growth in the Detroit Region. Economic Geography, Vol. 46, Supplement: Proceedings. International Geographical Union. Commission on Quantitative Methods, 1970.

TRE – Tribunal Regional Eleitoral – Distrito Federal. Notícias: Mais de 350 mil eleitores brasileiros no exterior. Disponível em: <http://www.tre-df.jus.br/noticias-tre-df/2014/Julho/mais-de-350-mil-eleitores-brasileiros-no-exterior>. Acesso em outubro de 2014.